

REVISTA

CICEP

EVOLUÇÃO

JANEIRO DE 2026 V.5 N.1

ISSN: 27645363



DATA DE PUBLICAÇÃO: 15/01/2026



Revista Evolução CICEP

Nº 01

Janeiro 2026

Publicação

Mensal (janeiro)

SL Editora

Rua Bruno Cavalcanti Feder, 101, Torre A - 61 – Quinta da Paineira - 03152-155

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Luiz Cesar Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 5, n. 01 (2026) - São Paulo: SL Editora, 2026 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 15/01/2026

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

FORMAÇÃO DOCENTE E A LITERATURA INFANTIL

LUCIANA MENDES SANTOS CAPITANI 04

FORMAÇÃO DOCENTE E A LITERATURA INFANTIL

LUCIANA MENDES SANTOS CAPITANI

RESUMO

Estaremos analisando neste artigo a formação do professor da educação infantil, a necessidade desse professor estar preparado para atuar em tal nível de ensino, bem como a contribuição que a família pode dar para despertar a criança para o processo de leitura.

Palavra chaves: professores, incentivadores, leitura, aprendizagens.

LITERATURA INFANTIL: VISÃO HISTÓRICA

analisaremos o início da literatura infantil tanto no mundo quanto no Brasil, os primeiros escritores brasileiros e a influencia que a revolução industrial teve para que a mesma ocupasse lugar de destaque na economia e um bem de consumo ao sistema capitalista.

Segundo Lajolo e Zilberman (2003), durante séculos as crianças não possuíam espaço exclusivamente para elas e, por muito tempo a mesma foi vista como um adulto em miniatura, mas com a chegada do século XVI conhecido também como idade moderna isso vai se transformando, e a mesma passa a ser considerada como diferente, devendo receber uma educação especial voltada para suas necessidades. Diante desse contexto começam a ocorrer mudanças, e a criança passa a desfrutar maior liberdade no que diz respeito à participação nos problemas sociais e familiares. A escola passa a ser a instituição que vai guiá-la formando-a de acordo com um determinado ideal. Surge então, a partir desse século a chamada literatura infantil, cujo objetivo era de integrar a criança ao mundo.

A origem da Literatura Infantil vincula-se às mudanças estruturais que ocorreram nos séculos XVII e XVIII, época em que se instalou o

modelo burguês na sociedade, projetando assim a ideologia e intenções dessa classe. Os primeiros livros infantis foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII, período da revolução industrial na Inglaterra, antes disso não se produzia livros para crianças, pois eram considerados pequenos adultos, Lajolo e Zilberman (2003, p. 15),

Concernente ainda ao pensamento das autoras acima citadas, as primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura, também apropriada à infância; as fabulas, de La Fontaine, editada entre 1668 e 1694, as aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717. A partir daí, a criança torna-se o centro em torno do qual se move o processo de criação e de produção de obras infantis.

Contudo, os escritores franceses não retiveram a exclusividade do desenvolvimento da literatura para crianças. A expansão desta deu-se simultaneamente na Inglaterra, país onde foi mais evidente sua associação a acontecimentos de fundo econômico e social que influíram na determinação das características adotadas.

A partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia, as famílias tornaram-se nucleares promovendo a necessidade de formação pessoal do tipo profissionalizante, cognitivo, ético e pedagógico. Segundo Lajolo e Zilberman (2003, p. 17), o surgimento da educação obrigatória para as crianças e os contos de fadas foram bem aproveitados como transmissão de valores ideológicos da sociedade burguesa.

Como feito, as preocupações dos adultos com as crianças fizeram com que a literatura infantil ficasse vinculada às escolas e se tornasse numa reprodução dos valores ideológicos do meio em que o adulto vive, a emergência da classe burguesa trouxe um novo conjunto de valores: a promoção de um governo sem influência da aristocracia, ascensão na sociedade, a livre iniciativa e a educação pessoal.

Assim, pode-se dizer que a criança, cujo contato com o mundo se faz pelo ouvir e pelo ver, ganha o texto escrito, e por meio da escola tem acesso à cultura que o adulto usufrui, entretanto esse modelo de ensino propicia à criança o contato com a literatura infantil recheada de ensinamentos, de normas e de moralismo. Além disso, a visão de mundo do adulto é passada à criança com alguma condescendência: a inserção de animais e fadas na narrativa ficcional, que servem como disfarce do autoritarismo e valores adultos (Lajolo e Zilberman (2003, p 23).

Desse modo, as mudanças históricas da geração adulta ocorridas vieram contribuir para o desenvolvimento da escola que teve a função de educar os filhos dos burgueses, classe social em ascensão na época, ocorrendo, então, um grande aumento na produção de uma literatura voltada para as crianças, pois acreditava-se que a literatura infantil poderia desenvolver melhor a capacidade intelectual dos pequenos leitores, despertando nos mesmos o pensamento crítico e um melhor desenvolvimento da linguagem.

A esse respeito afirmam Lajolo e Zilberman (2003) que os laços da literatura infantil com a escola são alvo de um incentivo maciço porque fortaleciam os ideais da classe média, pois a educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de seus valores como: a alfabetização, a leitura e o conhecimento.

Fica claro, portanto que a ficção por contos históricos engloba um elenco abrangente de temas voltados ao setor que corresponde às exigências da sociedade. A literatura infantil tinha visão pedagógica que surgiu com a necessidade de educar as crianças.

Conforme Cunha (1993) a literatura é uma das produções humanas mais importantes para a formação do indivíduo, pois sua matéria é a palavra, o pensamento e as ideias, exatamente aquilo que desligue ou define específica do ser humano. É arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, a vida, enriquece a imaginação da criança, oferece-

lhe condições de criar, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade.

LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

No Brasil a literatura infantil começou a transitar em meados do século XIX, as primeiras obras publicadas para crianças eram traduções de autores estrangeiros que, aos poucos, começam a dividir o mercado com as obras nacionais que surgem, servindo de apoio para a formação de uma identidade nacional.

A adaptação do modelo europeu que nos chegava geralmente através de Portugal, nesse primeiro momento a Literatura Brasileira, não exerceu apenas sobre o conto de fadas. Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadão (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 32).

Diante disso, a literatura brasileira sofreu dificuldades para ser reconhecida como produto artístico e só foi oficializada na década de vinte, recebendo um novo figurino e inovação temática, aproximadamente a linguagem coloquial que caracterizava a fala brasileira. Segundo Lajolo e Zilberman (2003 p. 24), a história da literatura brasileira para a infância só começou tarde, nos arredores da proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações.

Para Cunha (1993) no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produção portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias, isso com o tempo foi mudando e as crianças da classe menos favorecidas passaram a ter também oportunidade.

Enquanto as crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as mais pobres liam lendas e contos folclóricos (literatura de cordel), muito populares na época, no entanto como tudo estava em fase de

transformações e mudanças esse tipo de literatura também evoluiu para atingir ao público infantil: os clássicos sofreram adaptações e os contos folclóricos serviram de inspiração para os contos de fadas.

Esses contos eram os preferidos das crianças, pelo fato de distinguirem-se dos outros pela presença do elemento mágico. Por um lado, eles manipulavam os pequenos leitores mostrando-lhes um padrão de conduta a ser seguido e, por outro oferecia-lhes uma pluralidade de significados, ampliando e enriquecendo o universo infantil.

Os primeiros modelos de histórias não contavam apenas sobre o conto de fadas, mas sim era um projeto educativo e ideológico que via nos textos infantis a escola como importante aliada para a formação de cidadãos. A literatura baseava-se numa formação de cunho pedagógico, ou seja, inculcia normas e valores a serem seguidos pelas pessoas para que pudessem viver de maneira correta no meio social.

Verifica-se também que os primeiros escritos literário feitos para crianças foram produzidos por educadores, tendo um forte caráter educativo, pois visavam à manipulação do indivíduo.

Na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relações de dependência mútua. A escola conta com a literatura infantil para difundir—ataviados pelos envolvimentos da narrativa, ou pela força encantatória dos versos – sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete inculcar em sua clientela. (LAJOLO, 2001, p.66).

Logo, essa parceria fortalecia os ideais da classe média, pois a educação era um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura, do conhecimento e do comportamento moralmente aceitável, esses aspectos faz da literatura um elemento educativo.

Contudo, afirmam Lajolo e Zilberman (2003, p. 68) que no final do

século XIX a situação começa mudar, nas primeiras décadas desse século, a literatura brasileira destinada à infância era totalmente dependente da europeia e o que é mais relevante e problemático, responsável pela difusão de uma visão conservadora de seus receptores e absolutamente preocupada em veicular noção didáticas e pedagógicas, fossem elas ligadas a questões religiosas, morais, educacionais ou de civismo.

É comum o aparecimento de textos folclóricos ou históricos nesse período, com a vantagem de mostrar esses fatos pelo ponto de vista das pessoas comuns e não dos heróis clássicos. As edições de livros para os leitores infantis tornam-se mais esmeradas em todos os seus detalhes e os ilustradores passam a ocupar uma posição privilegiada.

Monteiro Lobato preocupado com uma literatura voltada para a criança e para valores sociais, culturais e humanos publica: A menina do nariz arrebitado, livro didático que antecede vários outros em que o autor atualiza personagens já conhecidos dos contos de fadas tradicionais e mostra aos estudantes, de maneira crítica, temas atuais, abrindo assim novos caminhos

para outros autores que investiram progressivamente na literatura voltada para o público infantil e com uma forma de expressão que seja verdadeiramente representativa do povo brasileiro. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.46)

Nesse contexto, a literatura infantil serve de caminho para uma crítica social velada e para dar voz às minorias oprimidas, pois o alvo de maior observação por parte dos repressores é a literatura adulta. Esse fato faz com que, ao lado de uma literatura infantil massificada comece a surgir outra, mais crítica, demonstrando as diferenças presentes na sociedade.

Para Lajolo e Zilberman (2003, p. 25), a República veio favorecer o crescimento urbano, tendo um considerável aumento de consumo de bens culturais, com isso a literatura infantil passa a deter um novo papel perante o novo modelo social, fazendo-se ampliar a um número maior de pessoas. Ainda, nessa época há uma restauração dos contos de fadas tradicionais,

que passam a ser usados como metáfora da vida social, política e econômica.

A INFLUÊNCIA DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA LITERATURA INFANTIL

A revolução industrial repercutiu na organização social e nos valores da sociedade. Imersa nesse contexto, a literatura infantil amadurece e revigora-se, amplia seus aspectos, estreitamente comprometidos com a pedagogia e a ética. Grande parte da literatura dedicada às crianças, produzida nesse período, estava diretamente relacionada à escola, conforme afirmam Lajolo e Zilberman,

Os laços entre literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca que a literatura de um lado, como intermediaria entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos: e, de outro, como caudária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.18).

Ressaltam ainda as autoras acima citadas que com a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808 trouxe um crescimento social, cultural,

econômico, político e arquitetônico entre inúmeros outros de suma importância para o crescimento e desenvolvimento do nosso país. O país começa a vislumbrar um sistema educacional, fator primordial para a existência de uma literatura infantil própria, começa então uma nova fase que abre amplas perspectivas à vida cultural da nação, surgindo uma nova dimensão ao ensino, investindo-se na formação de professores e na produção de livros-textos, mas embora a Imprensa Régia, recentemente implantada, conferisse oficialmente ao Brasil uma atividade editorial, a produção de livros apresenta-se ainda precária.

Segundo Lajolo e Zilberman (2003), após 1964, a literatura infantil passa a ocupar um lugar de destaque no mercado, transformando-se em

um bem de consumo adequado aos padrões do sistema capitalista. Não se pode esquecer ainda que a literatura para crianças cresceu por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, por esse motivo, assumiu também, desde o começo o papel de mercadoria, o livro foi o primeiro objeto produzido industrialmente, vale ressaltar que em grande quantidade e segundo a divisão do trabalho.

Após o modelo econômico desse Brasil republicano favorecer o aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de um bens culturais, é preciso não esquecer a grande importância para literatura infantil, que saber passa a deter no novo modelo social que começa a se impor. Assim, também as campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola davam retaguarda e prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.28).

As indústrias passaram a produzir mais brinquedos e livros infantis e no ramo da ciência a pedagogia, a pediatria e a psicologia infantil passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do desenvolvimento da criança nos diversos aspectos.

O estudo da criança e sua evolução, aliados a renovação educativa sempre necessária e constante, vieram fortalecer a literatura infantil que passou a ser vista como um importante instrumento de propagação dos objetivos e valores dessa nova classe social emergente, Lajolo e Zilberman (2003).

INÍCIO DA LITERATURA INFANTIL EM RONDÔNIA

Segundo entrevista, realizada com o considerado 2º mago da literatura infantil em Rondônia Paulo Kawanami, desde os 10 anos de idade faz parte da história de Rondônia, começou escrevendo poesias em 1985 e as histórias infantis começaram um ano após, mais precisamente em 1987, ano em que registrou as primeiras obras voltadas ao público infantil, só

parando em 1989, ano em que foi para o Japão, em busca do seu maior sonho, publicar o livro infantil "A Sementinha Teimosa".

Ao retornar para Rondônia em 1992, providenciou a publicação desse livro, porém antes da publicação quando procurou a direção da editora, foi informado que suas obras só poderiam ser impressas ou editadas, sem o pagamento antecipado, no entanto não desistiu dos seus projetos, lutou e conseguiu publicar cinco mil exemplares, do livro todas em papel cochê e páginas coloridas.

Ainda conforme entrevista, o livro voltado ao público infantil fez muito sucesso, levando-o a conquistar vários prêmios. Vale salientar, que Paulo Kawanami, hoje é Membro da Academia Brasileira de Literatura Infanto-juvenil com 13 obras editadas e já publicadas, entre elas: uma de poemas "Tempo de Amar" também em CD, e está lançando a coleção com 25 revistas intitulada, "Amazônia para as Crianças", "Amazônia do Coração da Gente"; "O Menino Plantador de Árvore", "Festa da Bicharada na Amazônia" e "Amazônia Animada".

Nossa consciência maior, é que a gente criou todo esse trabalho passando por momentos difíceis na vida, mas sempre com ideal de realmente proporcionar para as crianças, não uma literatura só de entretenimento, mas com o ensino até divino de forma que as crianças possam aprender de uma forma verdadeira, que essas crianças não se percam. Só mudamos através da educação. Para que os pais estimulem as crianças ao conhecimento verdadeiro. "A transformação do mundo começa pela educação das nossas crianças" (KAWANAMI, 2012, np3).

Dentre muitos projetos realizados no estado de Rondônia voltados também a literatura infantil, vale destacar, que em 2004, a Secretaria de Estado da Saúde- SESAU, inaugurou no Hospital de Base Ari Pinheiro em Porto Velho, biblioteca e sala de leitura. Inicialmente contavam com 1200 livros, mas aumentou consideravelmente com o passar dos anos. O referido projeto teve como objetivo incentivar a prática da leitura,

proporcionar momentos de lazer aos pacientes internados no hospital e seus acompanhantes.

O acervo é composto por uma seleção dos melhores títulos do catálogo levando em consideração as finalidades da proposta sociocultural, seus aspectos didáticos e de cidadania, bem como os diversos públicos, diferentes faixas etárias, que deverão frequentar a sala para consultas e empréstimo de livros.

A sala de leitura, que leva o nome do poeta Manoel Barros, possui um acervo diversificado, incluindo livros infantis, infanto – juvenil e obras de Literatura Brasileira e estrangeira, Sociologia, Psicologia, História, Ciência, Política, Economia, autoajuda, teoria literária, obras sobre musicas, cinema, além de biografias e publicações voltadas para o ensino de idiomas estrangeiros.

Outro projeto muito interessante desenvolvido no ano de 2006, intitulado “Doe um livro e faça um amigo na Amazônia” que teve como objetivo aproximar crianças paulistanas às crianças da região amazônica é desenvolvido pela Expedição Vaga Lume, projeto esse de uma Organização Não governamental (ONG) denominada Moradia e Cidadania, quer que as crianças paulistanas enviem, junto com um livro, uma carta para crianças que frequentam as bibliotecas implantadas pela entidade.

A referida ONG foi criada em 2002 por Laís Fleury, Sylvia Guimarães e Maria Teresa Junqueira. Segundo Lais Fleury,

Aproximar crianças paulistanas às crianças da região amazônica. Esse é o novo objetivo da Expedição Vaga Lume. Intitulado “Doe um livro e faça um amigo na Amazônia”, o novo projeto da Organização Não-Governamental (ONG) quer que as crianças paulistanas enviem, junto com um livro, uma carta para crianças que frequentam as bibliotecas implantadas pela entidade (FLEURY, 2012, np4)

As três percorreram toda a região amazônica, onde implantaram 32 bibliotecas em comunidades rurais de 21 municípios. Além das bibliotecas,

foram mais de 21 cursos para capacitar 550 mediadores de leitura. Na ocasião, mais de 12 mil livros foram distribuídos, levando o mundo da literatura para cerca de 15 mil crianças. Segundo Laís, a expedição Vagalume trabalha com livros novos porque, através de nossas experiências, constatamos que em um primeiro contato com a leitura a apresentação do livro é um fator importantíssimo de motivação e estímulo para a leitura, você manda livros usados eles já vão fragilizados, tendo uma vida útil ainda menor, além disso, os livros novos são mais valorizados pela criança.

A primeira remessa da segunda etapa foi entregue em quatro estados, incluindo Rondônia, um dos municípios contemplados com a expedição foi Ouro Preto do Oeste.

AMPARO LEGAL

As leis são consequências de propostas que podem ser originárias do próprio governo ou de setores da sociedade organizada, essa adaptação está sendo feita, é por isso que há tantas discussões e interrogações sobre a educação infantil. Outra informação importante é consideramos que a Lei de diretrizes e Bases da Educação – LDB – assim como as outras Leis recentes a respeito da infância, são consequência da constituição Federal de 1988 que definiu uma nova doutrina em relação à criança que é a doutrina da criança como sujeito de direito. (CRAIDY. 2001, p. 23)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN para Educação Infantil (2010), afirmam que por meio da linguagem, o ser humano pode ter acesso a outras realidades sem passar, necessariamente, pela experiência concreta. Por exemplo, alguém que more no sul do Brasil pode saber coisas sobre a floresta ou povos da Amazônia sem que nunca tenha ido ao Amazonas, simplesmente se baseando em relatos de viajantes, ou em livros com figuras ou textos, a criança tem acesso a mundos distantes e imaginários.

As histórias que compõem o repertório infantil tradicional são

inesgotáveis fontes de informações culturais, as quais se somam a sua vivência concreta. O Saci Pererê pode ser, por exemplo, um personagem cujas aventuras façam parte da vida da criança sem que exista concretamente na realidade.

A aprendizagem da linguagem oral é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais. A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças.

É ouvindo historia que se pode sentir (também) emoções, importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o, pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar...Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos imaginário! (ABRAMOVICH, 2002, p. 17).

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento.

Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como: contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderá desenvolver sua capacidade comunicativa de maneira significativa.

FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Para Lajolo (2001) utilizar a Literatura Infantil na escola, como

instrumento didático o profissional da educação pede que se tenha um professor com os conhecimentos necessários para trabalhar em sala de aula com as crianças. Eles precisam, em sua formação inicial e também continuada de possibilidades que demonstrem como utilizar a literatura em função da formação do ser educador.

A relação entre escola e literatura infantil vem se transformando constantemente e neste processo estão envolvidos dois personagens que merecem ser analisados: o professor e o aluno. Este alvo está sob influências de ambos e merecem grande atenção porque a relação entre o professor e a criança faz nascer à aprendizagem, portanto necessita-se encontrar meios para envolver seus alunos buscando uma formação continuada.

A importância da literatura infanto-juvenil como disciplina a ser incluída no currículo de formação do professor é parte da questão da formação do professor que vai atuar na pré-escola.

Para tanto, é fundamental que as universidades incluam no currículo das Faculdades de Educação, a disciplina Literatura Infantil, proporcionando não só um conhecimento da história da literatura infantil, mas principalmente das estruturas emocionais e cognitivas que podem ser despertadas, além de estímulo ao desenvolvimento de diversas possibilidades de práticas pedagógicas.

Zilberman e Lajolo (2003) afirmam que a introdução da literatura infantil alçada à condição de participante do currículo do ensino universitário é fundamental o professor deve estar preparado para poder desenvolver um bom trabalho com a literatura infantil e garantir que a função dela seja efetivada, os professores que tem a oportunidade de refletir sobre a literatura infantil na escola, ainda em sua formação com certeza contribuirá para abrir caminho à concretização do objetivo da educação, da escola e da própria literatura.

Afirma ainda, Bamberger (2002) que os hábitos do professor

exercem grande influência nos primeiros anos de escola da criança, e se, ao identificar- se com o professor, a criança se identifica com uma pessoa que gosta de ler, o desenvolvimento da sua leitura será favoravelmente influenciado.

É preciso perceber e compreender as possibilidades de se trabalhar com esse novo objeto, cuja importância para a formação da criança cresce dia a dia. É imprescindível criar-se um espaço para que possa conhecer e reconhecer, pensar e repensar as práticas educativas nas propostas de atividades com a literatura infantil.

Logo, se o professor puder observar louvar e desenvolver cada progresso feito na leitura, à criança assumirá uma atitude positiva, otimista, em relação ao assunto, a interferência com o conhecimento de causa o desenvolvimento de interesse e do hábito da leitura é especialmente necessária.

DESPERTANDO O INTERESSE DOS ALUNOS AFIM DE SE TORNAREM EFETIVOS LEITORES

A Literatura Infantil pode ser um elemento facilitador na recuperação ou desenvolvimento do prazer de ler, segundo pesquisas realizadas é comprovado que o prazer em ler pode vir principalmente quando sentimos que estamos desvendando um segredo. Assim, a criança terá maiores chances de ser boa leitora se receber os estímulos adequados na escola para a fruição literária pela leitura, se os professores não transformarem em obrigação o que deveria ser prazer.

É necessário que a escola ofereça aos alunos textos diverso e de qualidade, complementando que esta diversidade compreenda, também, recursos de imagem e som, como a televisão, assim deve-se procurar integrar a televisão na vida escolar da criança, com o objetivo de ampliar a formação leitora das crianças, sem ignorar a importância desse veículo na vida cultural brasileira. (CARVALHO, 2003 p. 83).

No Brasil, o insucesso escolar, fartamente destacado pela

imprensa, é em grande parte devido ao não domínio da maioria do povo da habilidade de ler, Bamberg (2000).

A reversão desse problema só pode ocorrer se a escola e o professor trabalharem juntos em prol do aluno, se isso for feito desde a pré-escola, tal parceria tem possibilidade de estimular, desenvolver e promover práticas leitoras com o uso da literatura infantil, Afirma Carvalho (2003).

Para Bamberg (2000) o “direito de ler” significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir. Um bom leitor não somente encontra maior prazer nos livros, mas também pode pensar e aprender melhor. A percepção dessa motivação e interesses esclarece qual é a tarefa do professor: incentivar as crianças a se tornarem leitores bem-sucedidos, apresentando-lhes o material de leitura apropriado, de modo que o êxito não somente inclua boas habilidades de leitura, mas também o desenvolvimento de interesses de leitura capazes de durar a vida inteira.

Afirma Perrenoud, (2000, p. 128), nota-se que os alunos cada vez mais se afastam e desinteressam pela leitura fato que se constata, pela facilidade de acesso aos meios de comunicações que invadiram o século XXI, o ensino e o incentivo da leitura em sala de aula e as propostas de ação que podem levar as crianças a se tornarem efetivos leitores, uma tarefa urgente.

Quando uma pessoa sabe ler bem, não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza e no espaço, descobre também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesma. (BAMBERGER, 2000, p. 29).

Faz-se necessário acreditar que sujeitos leitores são capazes de olhar reflexivamente a realidade à sua volta, e capazes de fazer a opção de mudá-la de alguma forma. A linguagem simbólica pode auxiliar a criança a lidar

melhor com sua insegurança e autoestima; os recursos visuais podem favorecer ao estímulo da percepção sensorial; as análises do processo de formação da estrutura do texto narrativo e do texto imagético podem ajudar a desenvolver a sensibilidade para uma compreensão semântica mais profunda, auxiliando o leitor a desenvolver a capacidade de leitura e de interpretação.

O professor sabendo explorar a capacidade da criança saberá também inseri - lá dentro do contexto e sequencia lógica de seu cotidiano e a leitura será absorvida de forma prazerosa.

A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A influência dos pais é definitiva na educação seja qual for à fase da vida de uma criança, seja ela social ou cultural. As crianças geralmente vivem imitando os pais, e o que rege essas atitudes é o desejo de ser parte do mundo que os pais integram. Se a rotina dos pais incluírem a leitura, parecerá para a criança natural e bom ler.

A família desempenha um papel importante no desenvolvimento da aprendizagem da criança, se os pais se entenderem que o estímulo é o mais eficaz e de que o treino da linguagem é especialmente necessário, incentivando as crianças a folhear livros de gravuras e a praticar com maior assiduidade a narrativa de história e a leitura oral, Segundo Bamberger,

Contar história e ler em voz alta para os filhos com a maior frequência possível, organizar uma biblioteca pessoal para o filho, apropriada à sua idade, aos seus desejos, às suas necessidades e a fase de desenvolvimento em que ele se encontra, instruir os filhos para gastarem parte do seu dinheiro miúdo em livros. “dinheiro miúdo”) (BAMBERGER, 2000, p 72).

Afirma ainda Bamberger (2000, p. 71), que a família deve promover e facilitar o contato da criança com livros e com outros materiais impressos, despertando nela o desejo e a curiosidade de ler e fazendo da leitura uma rotina de prazer. Os pais são modelos com um papel decisivo, uma vez que

se eles foram leitores regulares, certamente conseguirão fomentar nos filhos a

curiosidade pela leitura e o desejo de lerem, o estímulo e o acompanhamento pela família da leitura das crianças acabam por ter implicações positivas, quando a criança inicia a aprendizagem formal da leitura na escola.

As crianças que melhor leem, no início da sua escolaridade, são as que possuem um ambiente familiar, onde a leitura e a escrita são atividades diárias. Na verdade, a família, para além de favorecer o contato da criança com o livro, deve estar atenta aos gostos das crianças.

O gosto de ler e a aquisição de hábitos de leitura, por parte das crianças, resultam de uma educação com início nos primeiros anos de vida, dentro de seu ambiente familiar.

Nos primeiros anos, os pais se interessam particularmente pela escola e pelos filhos. Eles aceitam de boa vontade conselhos sobre a escolha de livros para as crianças e devem ser convidados a comparecer à escola por ocasião das “comemorações de leitura”, exposições de livros (BAMBERGER, 2000, p.66).

A descoberta da magia da leitura se dá numa fase em que a ligação entre pais e filhos ainda é muito grande.

Segundo Abramovich (2002, p. 101), por conta disso, o afetivo está intimamente envolvido com esse processo, se o momento de leitura na infância se associa ao momento de prazer, forma-se uma relação positiva com os livros. Verifica-se, portanto que compartilhar leitura é importante para que ler seja associado a um prazer e não a um dever.

O interesse dos pais em conhecer e debater sobre os livros representa interesse por aquele mundo da criança. Diante disso, a formação de crianças leitoras começa muito cedo, sendo a família a primeira instituição a promover e a colaborar nessa formação.

Alguns estudos põem em evidência o papel desempenhado pela família da na formação do gosto pela leitura e de hábito de ler desenvolvendo na criança uma atitude favorável em relação à leitura, para Abramovich 2002,

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas, livros curtinhas, poemas sonoros e outros mais, são importantes para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. (ABRAMOVICH 2002, p. 16).

Esta contribuição dos pais pode ser mais vasta e mais profunda, na medida em que, mais do que um intérprete, o autor pode ser um intermediário afetivo, entre a criança e o texto, tornando deste modo o momento da leitura num momento de grande sensibilidade e de grande ternura.

Se os pais incentivarem os filhos a folhearem revistas, livros, jornais e levar os filhos a passeios em bibliotecas, se a mãe e o pai lerem os livros para os filhos, isso não só os incentivará a ler como também proporcionará uma base para que seja um efetivo leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho pode-se constatar que literatura infantil data desde o século XVI, passou por várias fases e chegou ao Brasil na idade moderna, através da burguesia.

Nos dias atuais ouve-se frequentemente que a criança não se interessa, mais por histórias infantis ou contos de fada, talvez a fantasia destes pensamentos esteja no fato do educador não ter sido qualificado para trabalhar com educação infantil, pois a criança sempre trará consigo as necessidades de sua faixa etária. Constatase-se através de pesquisas que leitura pode transformar não só o mundo das crianças como dos adultos

também.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BAMBERG, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 2000.
- CARVALHO, Marlene. Guia prático para o alfabetizador. São Paulo: Ática, 2003.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Vol. I a VI. São Paulo: 2003
- CUNHA, Maria A. A. Literatura Infantil: Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1993.
- CURY, Roberto J. LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei 9394/96. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.
- CRAIDY, Carmem; GLÁDIS, Elise K. Educação infantil. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- DOXSEY, Jaime Roy Doxsey. Módulo de Metodologia Da Pesquisa Científica. ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil 2009.
- EXPEDIÇÃO VAGALUME. Disponível em acesso em 31 de out. de 2012.
- ENTREVISTA, O mago da literatura infantil em Rondônia. Disponível em: acesso em 01/09/2017.
- FARIA, Maria A. Como usar a literatura infantil na sala de aula. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FILHO, Paulo B. Pela leitura literária na escola de 1º grau. São Paulo: Ática, 1995.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 32. ed. São Paulo: Terra e paz, 1997.
- GARCIA, Regina L. Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

- GOBBI, Beatriz Christo; Manual de Monografia ESAB 2012 / Escola Superior Aberta do Brasil – Vila Velha, ES, 2012.
- LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2001.
- AKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LINS, Guto. Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade. São Paulo Rosari, 2002.
- NUNES, José Horta. Formação do leitor brasileiro: imaginação da leitura no Brasil colonial. São Paulo: UNICAMP, 1994.
- PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.
- REGO, Lucia Lins Browne. Literatura Infantil uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. 2 ed. São Paulo. FTD, 1995.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira: história & histórias. São Paulo: Ática, 2003.
- _____, Regina; LAJOLO, Marisa. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.
- _____, Regina. A literatura infantil na escola. 11. Ed. São Paulo: Global,



